ODISSEU E MÊMNON: por uma negritude histórica e afro-conectada[1]

Wollemberg Felix Diniz[2]

RESUMO

O presente artigo tem, como foco de análise e de debate, o conceito de negritude, partindo dos heróis gregos Odisseu, o rei de Ítaca, e Mêmnon, o rei dos etíopes. Como o corpo negro é apresentado, discutido e pensado é uma ação histórica que conecta outras experiências e performances de ser negro, a qual está se transformando nos espaços onde esse corpo transita, partindo de experiências sobre corpo e como ele pode ser negado. Toda a metodologia tem, como base, a Literatura como fonte histórica pensada por Lima (1980), a História dos Conceitos Kosselleck (2010) e o Regime de Historicidade Hartoog (2013), para entender o conceito de negritude dentro numa perspectiva afro-conectada e o debate sobre o corpo numa perspectiva da Fenomenológica da Percepção criada por Ponty(1999).

Palavras-Chave: História antiga. Odisseu. Mêmnon. Afro-conectado. Negritude. Fenomenologia da Percepção.

ABSTRACT

This article focuses on the analysis and debate of the concept of blackness based on the Greek heroes Odysseus, the king of Ithaca and Memnon, the king of the Ethiopians. How the black body is presented, discussed and thought about is a historical action that connects other experiences and performances of being black, which is transforming itself into the spaces where this body transits, starting from experiences about the body, and how it can be denied. The entire methodology will be based on Literature as a historical source thought by Lima (1980), the History of Kosselleck Concepts (2010) and the Hartoog Historicity Regime (2013), to understand the concept of blackness within an Afroconnected perspective and the debate on the body in a perspective of the Phenomenology of Perception created by PONTY (1999).

Keywords: Ancient History. Odysseus. Mêmnon. Afro-connected. Blackness. Phenomenology of Perception.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo discutir a negritude numa perspectiva histórica que abarque a categoria de afro-conectada. Para desenvolvermos o debate, é necessário apresentar a literatura como fonte histórica, pois todas as fontes escolhidas partem de uma estrutura e gênero literário, o épico. Os poetas selecionados foram: Hesíodo, Homero e Virgílio.

A seleção destes poetas se deu pelo fato de todos discutirem a Guerra de Tróia, trabalharem com o gênero épico; além de apresentarem os respectivos heróis gregos, Odisseu e Mêmnon. Apesar das semelhanças frisadas entre eles, é necessário desenvolvermos uma análise

[1] O artigo parte de um minicurso desenvolvido na XXV semana de Iniciação Científica da Universidade Regional do Cariri-URCA/Ce, entre os dias 12 a 16 dezembro de 2022.

[2] Graduação em História pela Universidade Regional do Cariri (URCA), membro dos grupos Studium PUC-MG e do Disdasko, Grupo de Estudo em Ensino de História Antiga da UERJ. E-mail: wollembergfelix@gmail.com

sobre as suas diferenças e dos seus poemas que são: *Teogonia*, de Hesíodo, *a Ilíada* e a *Odisseia* de Homero e a *Eneida,* de Virgílio.

Desenvolver um método para ser apresentado e debatido sobre os poetas e suas obras trata-se de um enorme desafio, pois todos carregam um peso imensurável na literatura e no imaginário da cultura ocidental. Apesar desta empreitada, o artigo pretende entender a literatura como fonte histórica e a apresentar os poetas, poemas e dos heróis no primeiro momento da pesquisa. O segundo momento é um debate teórico sobre a História dos Conceitos, desenvolvido por Koselleck[3] (2010) e o Regime de Historicidade de Hartog[4] (2013), a fim de pensarmos o conceito de negritude num regime de tempo e o próprio cenário social e político que o conceito foi construído. No último momento do artigo serão discutidos os conceitos de corpo e de negritude e a sua negação partindo da Fenomenológica da Percepção de Ponty (1999). O debate sobre a negação será apresentado em duas conversas que abarcam a negritude discorridas na rede social Facebook (ambas aconteceram com pessoas em épocas distintas). A negação para com o corpo negro é um processo histórico, o qual é necessário perceber a sua transformação no tempo.

HISTÓRIA E LITERATURA: ODISSEU E MÊMNON EM HESÍODO, HOMERO E VIRGÍLIO

A História, pensada como um saber que envolve conhecimentos para a sociedade, remonta à antiguidade com o próprio Heródoto, o pai da História. A História, enquanto ciência moderna principia da revista historiográfica francesa os *Annales* e os seus fundadores, Marc Bloch e Lucien Febvre, ambos da Universidade de Estrasburgo, atual França, que criaram conceitos e metodologias para pensar a história enquanto saber acadêmico.

A história-problema, conceito cunhado por Marc Bloch, é a pergunta que o historiador lança sobre o objeto, a pergunta norteadora que ele faz para a fonte. Outro avanço proporcionado pelos *Annales*, para a historiografia, é a abertura para novas fontes. Antes deles, a historiografia estava preocupada com textos ditos por grandes organizadores da

[3] Historiador alemão, trabalhava com o campo da teoria da História –História dos conceitos – e a História Intelectual da Europa da Prússia, Alemanha, nos séculos XVIII e XIX.
[4] Historiador francês, especializado em Historiografia grega e romana e trabalha no campo da Teoria da História sobre a história do tempo presente e o regime de Historicidade.

sociedade, ou seja, textos advindos do próprio Estado-nação, e textos que trabalhassem com a liturgia do país. A literatura, depois dos Annales, passou a ser uma fonte para o historiador.

Como aponta Burke (1991), "desde os tempos de Heródoto e Tucídides, a história tem sido escrita sob uma variada forma de gêneros: crônica monástica, memória política" (BURKE, 1991, p. 11). É com os Annales que a literatura é tida como uma fonte de pesquisa para o pesquisador. A História, com a revolução historiográfica francesa (BURKE, 1991, p. 11), abre para novas metodologias e fontes para analisar as ações do homem no tempo em que a literatura está inserida como objeto de análise.

Como definir a literatura? Como discute Lima (1980), a literatura é todo texto que carrega em sua forma um gênero literário. É na sua estrutura narrativa e na própria forma que ele é montado que os elementos trazidos para o corpo do texto dialogam sobre a própria natureza e o tempo do autor ou dos autores.

Analisar Hesíodo, Homero e Virgílio é identificá-los no gênero épico. Isso ocorre por causa da referência que eles trazem no proêmio das suas respectivas obras, as musas[5]. Elas são personagens que partem da religiosidade e da cultura grega antigas. São nove as irmãs, filhas da Mnemósine/Memória. Na mentalidade grega antiga, as musas escutam os olimpianos que descem para o plano terreno e falam com os *aedos*/poetas.

Entre as questões que a literatura desenvolve, a verossimilhança é um ponto que é levantado. Trata-se da destreza que o escritor ou poeta tem em apresentar um texto que dialoga com determinada realidade. A verossimilhança não é um retrato como uma fotografia e, sim, uma mimese.

O conceito de *Mimeses*, quando pensamos na sua tradução, seria imitação. Todavia, não é imitação do sentido de uma cópia e, sim, elementos que o escritor deve apresentar para o público[6]. Ambos os conceitos trazem consigo o objetivo de desenvolver um texto que parta da verossimilhança, ou seja, o espaço e o tempo que o escritor está narrando a sua história para

[5] **Hesíodo** diz: Musas da Piéria, que celebrais com cantos aqui, aclamai Zeus, louvando vosso pai, por meio do qual os mortais são igualmente desconhecidos e renomados, céleres e obscuros, segundo a vontade do grande Zeus. **Homero na Ilíada**: Canta-me a Cólera – Ó deusa – funesta de Aquiles Pelida, causa que foi de os Aquivos sofrerem trabalhos sem conta e de baixarem para o Hades as almas de Heróis numerosos e esclarecidos, fincando eles próprios ais cães atirados e como pasto das aves. (Ilíada. [1-5]. p. 55). **Homero na Odisseia:** Musa, reconta-me os feitos do herói astucioso que muito peregrinou, dês que desfez as muralhas sagradas de Troia; muita cidade dos homens viajou, conheceu seus costumes, como no mar padeceu sofrimentos inúmeros na alma, para que a vida salvasse e de seus companheiros a volta. (Odisseia. [1-10]. p. 29). Virgílio diz: Musa! recorda-me as causas da guerra, a deidade agravada; por qual ofensa a rainha dos deuses levou um guerreiro tão religioso a enfrentar sem descanso esses duros trabalhos? (**Eneida**. [1-10]. p. 9)

[6] Chamados de rapsodos, eram os poetas cantores que declamavam em eventos públicos.

alcançar o elemento final, a catarse ou, como coloca Aristóteles (2007), *a conquista do belo poético*. A catarse é a purgação dos nossos sentimentos, das nossas emoções para com o poema, filme e afins.

Para Auerbach (1971), o épico, enquanto gênero literário, tem a amplitude de trazer um debate que pretender abordar a sociedade como um todo. Quando lemos Homero, este autor leva o leitor a conhecer o grandioso palácio do rei Alciono até chegar ao cuidador de porcos e fiel servo de Odisseu, Eumeu. Como discorre Auerbach (1971): "A singularidade do estilo homérico fica ainda mais nítida quando lhe contrapõem um outro texto igualmente antigo, igualmente épico, surgindo de um outro mundo de formas. [...], como o sacrifício de Isaac […] uma narração inteiramente redigida pelo assim chamado Eloísta" (AUERBACH, 1971, p. 5).

No épico, os heróis não discutem sobre a sua natureza. Apesar de o herói Odisseu estar há 20 anos longe da sua casa, o tempo não o envelheceu, assim como a sua esposa, Penélope, e o seu filho Telêmaco. A literatura, como qualquer outra fonte do campo da história, carrega em seu cerne conceitos e estruturas próprias, os quais o historiador precisa entender para desenvolver questionamentos e perguntas que a contemplam. O próximo momento será uma análise sobre o Odisseu e Mêmnon, como eles são apresentados nos respectivos poemas e como a sua negritude é exposta.

ODISSEU E MÊMNON EM HESÍODO, HOMERO E VIRGÍLIO.

Com breves apontamentos sobre a literatura como objeto de uma análise histórica, serão debatidos os heróis Odisseu e Mêmnon[7] e como eles são apresentados em Hesíodo, Homero e Virgílio. Para uma apresentação mais clara e objetiva, utiliza-se a tabela abaixo.

[7] A saber: nos diálogos platônicos tem uma obra intitulada de Mêmnon. Contudo, ela é sobre outro guerreiro que era originário da cidade de Farsalo, na Tessália. Todo texto é um diálogo com Mêmnon e Sócrates sobre virtude e coragem.

Tabela 1 - Odisseu e Mêmnon, em Hesíodo, Homero e Virgílio

Odisseu e Mêmnon		
Hesíodo	Homero	Virgílio
Teogonia	Odisseia	Eneida
Teogonia sobre Mêmnon [984-991]. De titono, Eos gerou **o rei dos etíopes, Memnon**, de **elmo de bronze**, e o **soberano Emátion** **Teogonia sobre Odisseu** [1011-1016] Circe, A filha de Hélio Hiperiônida, em amor com o **prudente Odisseu.**	**Odisseia sobre Mêmnon** [519-522]. Mas, como soube com o bronze privar da existência o alto Eurípio, filho de Teléfo, e como ao redor muitos sócios caíam, homens ceteios, por dons feitos a uma mulher, tão somente! **Nunca vi homem tão belo, se o divo memnão nós excluirmos.** (Odisseia. p.199)	**Enéida sobre Mêmnon** [464-503] Príamo além» para o céu levantava as mãos brancas, inermes. A si também reconhece a lutar contra os fortes aquivos; **vê os esquadrões orientais**, **frescas armas do negro Menão**. As Amazonas, armadas de escudos lunados, dirige-as. Pentesiléia terrível; na pugna entre as mais se distingue. Áureo boldrié traz por baixo da mama desnuda, elegante. Virgem guerreira, atrevia-se agora a lutar contra os homens. (p. 21)
	Ilíada	Eneida: Sobre Odisseu**.**
	[138] O **grande** Odisseu. (p. 5) [311] O **sagaz** Odisseu. (p. 8) [172] Filho de Laertes de **Origem divina** Odisseu **engenhoso**! (p. 19) [272] Que maravilha! Odisseu já se orgulha de inúmeros feitos quer como **bom conselheiro** quer **quando os combates dirigem**. (p. 22)	Porém, quando a **Inveja** de Ulisses, **o falso**, (p. 31). Ulisses de **todo mal** filho do **velho Tideu**. (p. 33) A pátria de Ulisses **Nefando**. (p. 58)
	Odisseia: Aspecto físico de Odisseu	
	[170-180] Palas Atenas assim disse, tocando-o com a áurea varinha. Um manto, então, bem-lavado e uma túnica pôs-lhe de jeito sobre as espáduas, deixando-o maior e de aspecto mais moço. **Tonalidade morena adquiriu logo o rosto,** alisando-se e barba em volta do manto surgiu, **de cor negra e azulada**. Tendo-o mudado desta arte, retira-se a deusa. O guerreiro para o interior retornou da cabana; espantou-se Telêmeco **por presumir que um deus, apartando dali, logo, a vista**. (p.270)	

A presente tabela elucida como os respectivos heróis Odisseu e Mêmnon são apresentados pelos diferentes poetas e obras. Os poetas do mundo grego, Homero e Hesíodo, não carregam críticas sobre o caráter dos heróis, apenas reforçam a sua personalidade como a sua linhagem divina. O único poeta que apresenta várias críticas sobre um dos heróis gregos, Odisseu, é o poeta romano Virgílio. Falaremos, em primeiro lugar, do poeta Hesíodo.

Sendo Hesíodo um poeta/pastor que viveu na região continental[8] da Grécia, a Beócia. As suas principais obras são: *Teogonia* e *Trabalhos e Dias*. Em ambos os poemas está presente um "diálogo"[9] de Hesíodo com o seu irmão Perses numa disputa de herança[10]. O poeta beócio também apresenta dados biográficos sobre a sua vida, como a revelação do seu nome Hesíodo[11]. É no final da Teogonia que Hesíodo apresenta os heróis Odisseu e Mêmnon.

A Teogonia é um poema bastante curto[12] no qual o poeta conta como o universo surgiu, partindo da genealogia dos deuses do panteão grego. Na narrativa hesiódica, personagens fantásticos como deuses, monstros e heróis também fazem parte da descrição desse universo. Como a tabela demonstra, Hesíodo coloca Odisseu como *prudente* e apresenta o seu caso com a feiticeira Circe. Quando é observado outro herói grego, Mêmnon, Hesíodo traz para a sua narrativa outros elementos: o nome dos pais, Titano e Eos, o nome da cidade a qual ele governa, Emátion, e uma nomenclatura que o define como guerreiro, Elmo de Bronze, e líder dos etíopes. Em Hesíodo, não vemos nenhuma informação sobre a negritude de Odisseu nem a de Mêmnon, exceto a referência dada pelo poeta a respeito do cargo que Mêmnon exerce, rei dos etíopes.

O termo etíope não aparece apenas em Hesíodo, mas também é mencionado por Homero tanto na Ilíada[13] quanto na Odisseia[14]. Em ambas as obras o termo *etíope* é referente a um reino distante, depois do oceano onde o sol se deita e existe o sacrifício dos hecatombes[15]. Além destas informações colocadas por Homero e Hesíodo, o termo *etíope* é a fusão de duas palavras gregas: *AITHEIN*; Escuro, e *OPS*; Rosto. O termo *etíope* no mundo grego significa alguém ou

[8] O território grego na atualidade é composto por diversas ilhas, sendo a maior delas a ilha de Creta.
[9] Apesar de ser um diálogo, é apenas Hesíodo que fala.
[10] **Trabalhos e Dias**[35-40]. Na verdade, já dividimos a nossa herança, e de muitas outras coisas tu te apoderavas roubando, subornando os reis comedores de presentes, que desejavam pronunciar esta sentença. (p.55)
[11] **Teog**. [22-28]. Um dia quando Hesíodo pastoreava suas ovelhas ao pé do divino Helicon, foram elas que lhe ensinaram um belo canto. (p.26).
[12] A **Teogonia** é um poema com 1022 versos no seu total. **Trabalho e Dias** tem 821 versos. Quando comparamos ao seu conterrâneo, Homero, tanto a **Ilíada** como a **Odisseia** têm 900 versos por canto.
[13] **Ilíada**: Canto I: [410-430, p.66-67] Canto XVIII: [200-211, p.410-430].
[14] **Odis**. Canto I: [20-30, p.30] Canto IV: [78-86, p.75]
[15] Significa um sacrifício a alguma divindade ou animal sacrificado é um bovino.

um grupo de rosto negro[16]. Na contemporaneidade, o termo se refere ao país africano chamado Etiópia. Contudo, não existe nenhuma informação de que o reino do guerreiro Mêmnon seja a atual Etiópia e esteja localizado no continente africano.

Assim como Hesíodo, a existência do poeta Homero também é questionada[17]. Diferente de Hesíodo, com narrativas sobre a genealogia dos deuses e o seu relacionamento com o seu irmão Perses, Homero narra na Ilíada e na *Odisseia* um grande evento que teria ocorrido em 1.200 A.C. na costa da atual Turquia, região da Anatólia, a guerra de Troia. Um conflito bélico entre gregos e troianos que duraria dez anos por causa do rapto da rainha/princesa Helena pelo príncipe troiano Pares. O desfecho da guerra é o cavalo de pau[18] dado pelos gregos aos seus inimigos como um falso presente que culminou na destruição da cidade.

Na Ilíada, todo este fundo histórico percorre todos os 24 cantos[19]. O que Homero traz é a ira de Aquiles[20] e como a atitude deste guerreiro pode causar a ruína do exército grego ou a sua vitória. Malta (2006) desenvolve um debate sobre este momento do herói Aquiles em sua *Áté*[21], propondo uma análise da própria filologia da palavra *Áté* relacionando com a ideia cristã de pecado, ou seja, um erro ou um limite não se pode ultrapassar.

Os guerreiros gregos e troianos passaram por incontáveis mazelas no decorrer do conflito. Com a chegada do seu décimo ano de uma terrível luta e uma disputa dos líderes gregos, Agamenon e Aquiles, por conta de uma escrava chamada de Briseida[22]. Por causa dessa disputa o principal guerreiro grego, Aquiles, deixa o campo de batalha. Quando lemos a Ilíada, o teste para o guerreiro Aquiles está na morte do seu amigo Pátroclo no canto XVI, pois é a sua recusa em participar da guerra que leva o amigo a fazer a terceira e última súplica para que ele retorne, pois os troianos estão dentro do acampamento matando todos os guerreiros gregos. Aquiles continua relutante e não deseja participar do conflito, mas cede a sua armadura para o amigo, e este é morto pelo guerreiro troiano Heitor. Com a morte de Pátroclo, Aquiles retorna a guerra e vinga a morte do seu amigo.

[16] Na Europa cristã autores empregavam duas palavras para se referirem a negros: nos textos em grego, melas; no latim niger (BORGONGINO, 2023, p.34).
[17] Apesar dos dados sobre a vida dos poetas, estejam elas colocadas nos próprios poemas ou comentadas por outros indivíduos, não podemos afirmar a sua real existência.
[18] **Odis**. Canto IV [270.p.80]. Em referência ao primeiro momento em que sabemos como os gregos venceram os troianos
[19] É chamado de canto por causa da referência que as musas. As musas cantam no ouvido dos poetas/aedos.
[20] **Ilíada:** Canto I: [1-5. p.55]Canta-me a Cólera – Ó deusa- funesta de Aquiles Pelida, (...).
[21] O que pode ser traduzido como: Perdição, Ruína, Erro e Desgraça.
[22] Belas Faces.

Homero, em seus poemas, apresenta um conjunto de guerreiros gregos que lutaram na guerra contra os ilions[23]. O guerreiro Mênmon não é citado por Homero na Ilíada. A sua presença só aparece na Odisseia quando Odisseu narra a sua viagem no palácio do rei Alciono[24]. É na Odisseia que Homero apresenta o guerreiro Mênmon e a negritude de Odisseu é relevada. A maior diferença entre os épicos de Homero é o contexto doméstico[25] bastante demarcado na Odisseia.

Ainda na Odisseia, a negritude de Odisseu é apresentada para o público-leitor quando ele, após passar 20 anos[26] longe de casa, chega ao seu reino insular, Ítaca. A identidade é revelada para o seu filho Telêmaco e o seu fiel servo, Eumeu. A negritude de Mênmon só é afirmada com poeta romano Virgílio.

O último poeta e obra que serão analisados é do romano Públio Virgílio Maro. Diferente dos outros poetas gregos apresentados, Virgílio é um poeta que viveu em Roma no reinado do imperador Augusto. As suas principais obras são: as *Bucólicas*, as *Geórgicas* e a *Eneida*. A obra que será apresentada e discuta é a *Eneida*.

A *Eneida*, como na Ilíada e a Odisseia e alguns fragmentos dos textos hesiódico levantam o debate acerca da guerra de Tróia. No poema de Virgílio, os protagonistas são os troianos e o herói Eneias. O protagonista Eneias é um príncipe e guerreiro troiano cujo épico começa com a fuga da cidadela troiana tomada pelos gregos e a missão de encontrar um novo lar. Como é demonstrado na tabela, Virgílio afirma a negritude de Mênmon, *negro Menão* (VIRGILIO, Eneida. 464-503. p. 21).

Virgílio despeja inúmeros ataques para o guerreiro grego, Odisseu. Os ataques sobre o olhar de Virgílio têm justificativa, pois foi Odisseu que articulou o plano para a construção do cavalo. Apesar da ira do poeta romano sobre o herói grego, não existe nenhuma ofensa à sua negritude. Semelhante característica no guerreiro Mênmon só é afirmada pelo poeta no primeiro canto da Eneida, quando este chega a Troia com um exército, como demonstrado na tabela. Na antiguidade, a negritude de Odisseu e Mêmnon é um aspecto presente, mas não é colocado em questionamento para estabelecer uma diferença entre os heróis. O que é afirmado é que ambos permanecem inseridos na cultura grega.

[23] Outro termo utilizado por Homero para falar sobre os troianos.
[24] **Odis**. [519-522.p.199].
[25] Na Odisseia, a vida palaciana é bem mais presente que na Ilíada.
[26] 10 anos na guerra de troia e mais 10 anos para chegar em casa.

HISTÓRIA DOS CONCEITOS: A NEGRITUDE NO REGIME DE HISTORICIDADE

Para entendermos os processos de como o conceito de negritude surge, temos de entender, primeiramente, as ferramentas heurísticas selecionadas: a História dos Conceitos e o Regime de Historicidade. Podendo, assim, apresentar o debate.

O campo da História, como qualquer outro campo das Ciências Humanas, é povoado por recortes teóricos. Esses recortes ajudam o pesquisador a pensar ações do homem através de aspectos singulares da sociedade. Seja uma vertente do campo historiográfico que priorize a economia, cultura ou mentalidades, cada forma de pensar a sociedade é um recorte que pretende entender um indivíduo ou um grupo.

Para Koselleck (2010) conceitualizar é:

> Conceitualizar algo, conceber algo significa, de um modo muito especial, que o ser humano é um ser que domina a linguagem e se serve dela. Ela se serve quando se movimenta, quando vê ou ouve algo, quando lembra ou espera algo, quando, por conseguinte, age e, com isso, ao mesmo tempo, também pensa. [...] Mas a mudança só pode ser concebida se suas condições gerais e estruturais se repetem. Mudanças só podem ser registradas e apreendidas contra o pano de fundo de condições que se repetem. (KOSELLECK, 2010, p. 66).

Na criação de teorias para compreender a sociedade, a linguagem, como pontua Koselleck (2010), é a primeira ferramenta que utilizamos. Quando temos total domínio dela, o gênero humano elabora conceitos e ferramentas para entender as mudanças ou as permanências da sociedade. Essa seria a ideia básica do conceito e da sua estrutura. A outra ferramenta que será utilizada é o Regime de Historicidade.

O Regime de Historicidade foi desenvolvido pelo historiador François Hartog. Para Hartog (2013), é definido como:

> O regime de historicidade se pretenderia uma ferramenta heurística, ajudando a melhor apreender, não o tempo, todos os tempos ou a totalidade do tempo, mas principalmente momentos de crise do tempo, aqui e lá, quando vêm justamente perder sua evidência as articulações do passado, do presente e do futuro. (HARTOG, 2013, p. 37).

O Regime de Historicidade, como pontua Hartog (2013), é a compreensão de uma estrutura de pensamento no tempo, seja a sua permanência ou mutabilidade. Como este artigo parte do conceito de negritude e seu percurso, o Regime de Historicidade carrega este peso para os resultados pretendidos. Com a devida apresentação das ferramentas para entender o conceito de negritude, falta a sua apresentação.

Como apresentado no debate sobre as fontes no tópico anterior, identificamos a negritude presente nos heróis Odisseu e Mêmnon. Neste momento da análise, será colocada a definição de negritude e o seu percurso na contemporaneidade através de um debate com a História dos Conceitos e o Regime de Historicidade.

A Negritude é definida, pelo dicionário Aurélio, como:

> **1)** Característica ou estado de negro. **2)** Sociologia. Sentimento de orgulho ou conscientização acerca da cultura negra; valorização das peculiaridades, valores culturais e/ou orgulho racial, pertencentes à cultura dos negros. (Dicionário Aurélio, Online)

A negritude é referente a toda pessoa ou grupo que é negro. Contudo, o conceito de negritude, quando é pensado como ideia e inserido num Regime de Historicidade, ganha outras características. O conceito de negritude fora criado por indivíduos negros[27] para atuar politicamente e refletir sobre a sua identidade numa sociedade escravocrata.

Para Ferreira (2006, p. 166), o conceito aparece pela primeira vez no "Manifesto: A Gente Negra Brasileira", criado pela Frente Negra Brasileira (FNB), em dezembro de 1931. O manifesto tinha como o principal diretriz a integração absoluta de todos os negros na sociedade brasileira de forma digna. Esta integração deveria acontecer quando toda a população negra estivesse atuando política, religiosa e economicamente.

O conceito de negritude, pensado no longo processo histórico, é o resultado de outras lutas e identidades do povo negro. Ao analisarmos o conceito de negritude, existe uma trajetória de ideias e de argumentos que o construíram até chegarmos no atual debate estabelecido. São o Eurocentrismo e o Afrocentrismo.

Primeiramente, o Eurocentrismo. O conceito de Eurocentrismo observa que a Europa olha para as outras partes do globo e tem como objetivo em extrair recursos humanos e naturais. Foi um longo processo que ocorreu na sociedade europeia, o qual Hegel[28] (1987) afirma:

> A África apropriadamente dita, tão longe quanto a história registra, conservou-se fechada, sem laços com o resto do mundo; [...] terra da infâmia [...] está envolvida na cor negra da noite. [...] O que caracteriza os negros é, precisamente, o fato de que sua consciência não tenha ainda chegado à intuição de nenhuma objetividade firme, [...] como por exemplo Deus, a Lei, [...] possibilitando assim a intuição do seu ser [...]. Como já dito, o negro apresenta o homem natural, em toda sua selvageria e sua petulância; é preciso fazer abstração de qualquer respeito e qualquer moralidade [...] não se pode encontrar nada nesse carácter que possa lembrar o homem. (HEGEL, 1987, p. 75 – 76).

[27] Afirmações como: Mulato, Crioulo e Moreno também são percepções de negritude. Todavia, se algumas destas acabam na contemporaneidade como insulto, isso ocorre por questões que não estão na alçada desta pesquisa.
[28] Eu não tive acesso a este livro. O trecho colocado aqui está disponível no curso: **África e as suas diásporas,** no qual o pesquisador traz essa informação. O curso está referenciado.

Para Hegel (1987), a África e as suas populações não desenvolveram sociedades e nem culturas, justificando todo o processo de colonização e o próprio tráfico colocado pelos países europeus. É esse tipo de justificativa que colocou a Europa e os primeiros estados nacionais a olharem para o continente africano como um espaço de recursos naturais e humanos a serem sumariamente explorados. Partindo dessa afirmação que o conceito de eurocentrismo foi construído[29].

Depois de séculos de violências impostas por todo o continente africano, é no século XX, num mundo pós Segunda Guerra Mundial (1939-1945), inserido na Guerra Fria (1950-1989), que os africanos desenvolveram ferramentas sobre o processo de colonização, surgindo o conceito de Afrocentrismo. Como coloca Barbosa (2008):

> Embora tenha havido tentativas de defini-lo [...], o "afrocentrismo" não é uma doutrina monolítica [...] afrocentrismo que têm como foco o Egito antigo, definem sua população como negra e propõem esses antigos egípcios como fonte da civilização grega e de toda a civilização ocidental. (BARBOSA, 2008, p. 319).

O Afrocentrismo coloca como ponto de partida o continente africano e o Egito faraônico como o local de nascimento de todas as culturas da África negra. É um conceito que se contrapõe ao Eurocentrismo. E não somente se limita a si, mas oferece o ponto de partida para outros movimentos como: Pan-africanismo, Ancestralidade, Negritude, Multivocalidade e Decolonialismo.

No debate sobre o conceito de Afro-centrismo existe uma historiografia sobre ele até chegar no que chamamos de afro-conectado. Entre os intelectuais sobre o Afrocentrismo e as suas respectivas obras, cita-se: Cheikh Anta Diop[30], George G. Jones[31], Martin Bernal[32], esses autores têm base ir contra o Eurocentrismo, é perceptível que o campo teórico apenas a troca dos atores políticos. Se, para o Hegel, a civilização começa no mundo grego e romano, no afro-centrismo o protagonista é o Egito faraônico.

Durante a Guerra-Fria (1950-1991) e o neocolonialismo, as potências beligerantes, EUA e a antiga União Soviética, se aproximaram dos países africanos. Neste diálogo, como coloca Barbosa (2008), os Estados Unidos, de 1960 a 1972, formaram 300 doutores em História da

[29] O conceito de Eurocentrismo não nasceu com o filósofo alemão Hegel (1987), mas foi um longo processo de outros intelectuais e da própria sociedade europeia que formularam esse ideal.
[30] *Nations Nègres et Cultura* (2000).
[31] Legado Roubado: A filosofia grega é a filosofia egípcia roubada (2022).
[32] Black Athena: The Afroasiatic Roots of Classical Civilization (1987).

África[33] em instituições como Universidade de Howard, Yale e na Associação de Estudos Africanos. Sobre a União Soviética, não foram encontrados números específicos, todavia foi no Instituto Etnográfico de Leningrado que teve ou se especula a maior formação desses intelectuais. De uma corrida que iniciou da negação das comunidades e exploração do continente africano, também ocorreu uma nova disputa para formar aliados e acordos econômicos e políticos. Sabemos que os acordos colocados pelos estadunidenses, partindo do FMI[34], trouxeram uma nova forma de colonialismo; uma abertura brutal dos recém-criados estados africanos para o mercado financeiro.

Para sairmos deste dualismo, é necessário levantar a seguinte pergunta: como os gregos compreendiam o Egito? Para chegarmos à resposta, é necessário observar o que o Pai da História, Heródoto, fala sobre o Egito. Como apresenta Heródoto:

> Estender-me-ei mais no que concerne ao Egito, por encerrar ele mais maravilhas do que qualquer outro país; e não existe lugar onde se vejam tantas obras admiráveis, não havendo palavras que possam descrevê-las. (Heródoto: Histórias, livro II. p. 149)

Observando a supracitada passagem, Heródoto não apresenta nenhuma crítica aos egípcios[35]: o que observamos é um profundo apreço e admiração dele pela cultura e pelo povo. Como as próprias fontes apontam para outro olhar, é necessário apresentar outras questões, e por isso a necessidade de pensar numa perspectiva afro-conectada.

O conceito de Afro-conectado é recente na historiografia brasileira. A definição que tomaremos como ponto de partida reflete as escolhas de leituras, bem como as apresentações do conceito[36]. Discutir a história da África, antiga e medieval, tem como campo de debate as relações entre os habitantes dentro do continente e fora dele, onde o "além-mar"[37] é uma parte desta integração.

O presente tópico teve como debate em apresentar a História dos Conceitos e o Regime de Historicidade para questionarmos o conceito de negritude e a sua percepção no tempo. Na antiguidade, a negritude é um fator presente como apresentado nos poemas. Contudo, é na

[33] Essa geração de pesquisadores estadunidenses que Frank M. Snowden, Jr. irá publicar os seus livros: Antes do preconceito de cor: A visão antiga dos negros (1983) e Negros na Antiguidade: Os etíopes na experiência greco-romana (1970).
[34] Fundo monetário internacional.
[35] Na historiografia, existe todo um debate sobre até onde Heródoto, no seu "olhar", teria ou não teria produzido algum tipo de xenofobia
[36] O meu primeiro encontro foi o curso: **África e as suas diásporas**. Disponível no YouTube e na bibliografia selecionada.
[37] Mar do mediterrâneo.

modernidade que o corpo que compõe a negritude pode ser negado. No último tópico, será apresentado um debate que envolve questões sobre o corpo e a negritude.

NEGRITUDE: CORPOS, PERCEPÇÕES E NEGAÇÕES

Este momento da presente pesquisa terá como debate os conceitos de corpo e de negritude. É necessário trazermos novas questões que comportam o corpo negro para pensarmos outras temáticas. Quando é refletido sobre os corpos e a historicidade de Odisseu e Mêmnon[38], é na sua negritude que seus feitos heroicos, na contemporaneidade, são questionados ou negados.

Para identificar como ocorre a negação e o debate que o acompanha, serão apresentados dois breves momentos sobre a negritude ocorridos no Facebook. O primeiro comentário que será apresentado é intitulado *Odisseu era um bárbaro*, e o segundo de *Sereias Negras*. Para desenvolver uma análise sobre esses dois comentários, é necessário apresentar uma discussão que contemple o corpo e questões de negritude, inseridos numa perspectiva afro-conectada.

Primeiramente, a definição de corpo posta no dicionário Aurélio *online*: "uma constituição ou estrutura física de uma pessoa ou animal, composta por, além de todas suas estruturas e órgãos interiores, cabeça, tronco e membros". A apresentação do debate que o Aurélio inicia é importante, pois é partindo da categoria mais elementar, e de fácil acesso para o público brasileiro, que esse tópico terá como ponto de partida.

A percepção do corpo, para ser visto e negado socialmente é, antes de tudo, um processo histórico. Para Foucault (2001), "a coincidência exata do corpo do homem [...] é um dado histórico e transitório [...] que coincide com a medicina do século XIX". Quando Foucault (2001) pensa o corpo, ele parte da ciência médica. É necessário refletir sobre ele para além da definição meramente biológica.

Para pensarmos o corpo, estando em movimento ou estático, foi necessária uma mudança na nossa forma de percepção e compreensão para ele e, consequentemente, o espaço em que é transitado. Como discute Sevcenko (2001) sobre estas transformações:

> A alteração no padrão do comportamento das pessoas impostas pela preeminência das máquinas […] como seria inevitável, acaba também provocando uma mudança no quadro de valores da sociedade. Afinal, agora os indivíduos não serão mais avaliados pelas suas qualidades mais pessoais ou pelas diferenças que tornam única a sua personalidade. (SEVCENKO, 2001, p. 63)

[38] Voltar para a tabela.

Como pontua Nobrega (2008), na concepção *Fenomenológica da Percepção,* a apreensão do sentido ou dos sentidos se faz pelo corpo, tratando-se de uma expressão criadora, a partir dos diferentes olhares sobre o mundo. A linguagem é sempre um objeto sensível e dinâmico quando a pensamos num Regime de Historicidade, ou seja, a mudança ou permanência no tempo. É possível perceber as variações ou as permanências ocorridas nos conceitos.

Para compreender o corpo como plural e dinâmico é necessária uma análise da *Fenomenológica da Percepção*, desenvolvida por Maurice Merleau-Ponty (1999):

> Reconhecemos no corpo uma unidade distinta daquela do objeto científico. Acabamos de descobrir uma intencionalidade e um poder de significação até em sua "função sexual". Procurando descrever o fenômeno da fala e o ato expresso de significação, poderemos ultrapassar definitivamente a dicotomia clássica entre o sujeito e o objeto. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 236).

O corpo, quando é pensado por Ponty (1999), parte de uma unidade que está além do conceito enquanto categoria biológica como o Aurélio e Foucault (2001) pontuam. Entender o corpo para Ponty (1999) é pensá-lo numa ação direta no espaço em constante movimento. O corpo, para ser enunciado, percebido e negado, tem de aparecer primeiramente na linguagem.

Para Ponty (1999), assim como Koselleck (2010), a linguagem se propõe como um elemento-chave para a criação de categorias heurísticas que o corpo carrega na sua primeira definição. Quando entendemos que é na linguagem transformada em palavra tida como substantiva e colocada socialmente como verbo, é percebido como a negação dos heróis Odisseu e Mêmnon ocorre. Qual é o peso da negação e como ela acontece? Para Ponty (1999),

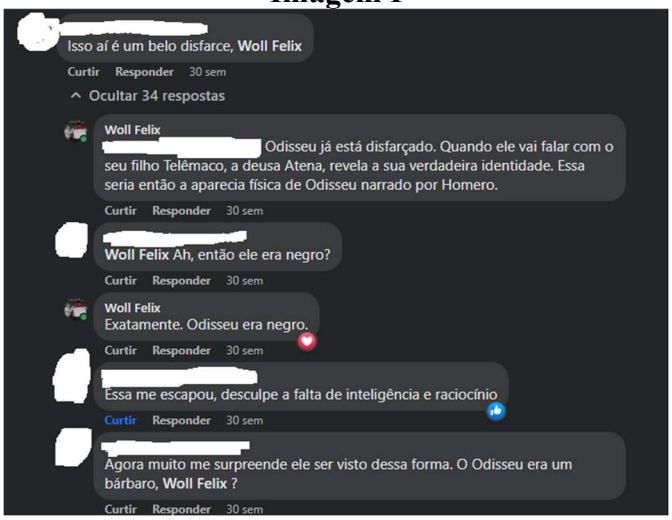
> o mundo físico e social sempre funciona como estímulos de minhas reações, que elas sejam positivas ou negativas. Não ponho em dúvida tal percepção senão em nome de uma percepção mais verdadeira que a corrigiria; se posso negar cada coisa, é sempre afirmando que existe algo em geral, pensante e é por isso que dizemos que o pensamento é uma natureza pensante, uma afirmação do ser através da negação dos seres. (PONTY, 1999, p. 479).

Para Ponty (1999), quando afirmamos ou negamos parte de uma construção simbólica e racional, mostra como observamos e entendemos o mundo, parte de saberes e categorias estabelecidas. A negação ocorre, primeiramente, quando o *outrem* identifica algo que escapa deste conjunto de ideias previamente estabelecidas.

Para percebermos como a negação do corpo ocorre sobre a negritude, serão á apresentados dois breves diálogos acontecidos na rede social *Facebook*. Nesses dois breves

diálogos, é constatado como um indivíduo que comporta a negritude e como a sua presença pode ser negada. O primeiro é intitulado “Odisseu era um bárbaro?”

Imagem I



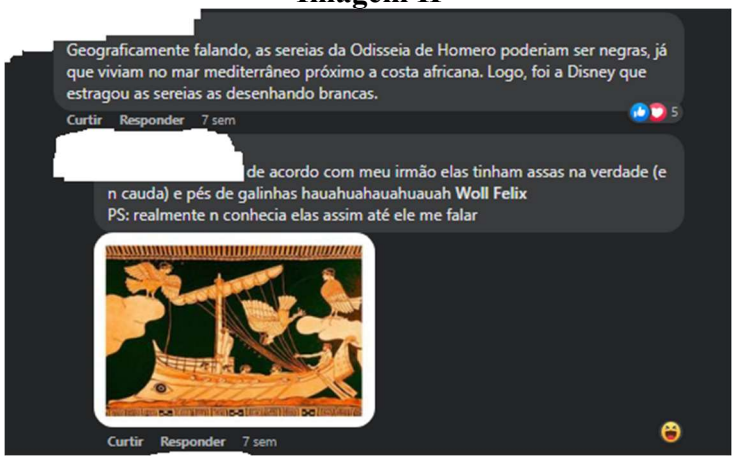
Fonte: Arquivo Pessoal (Facebook).06 Novembro 2021.

Essa conversa é referente à negritude do herói Odisseu. De início é notado um tom de ironia pela afirmação do comentarista “belo disfarce”. Contudo, quando é afirmado que Odisseu é negro, existe um posicionamento positivo[39]. No último momento do comentário, Odisseu já está afirmado como negro[40], a negação deste corpo é apresentada: “*Odisseu era um bárbaro*?”.

Antes de analisar o primeiro diálogo, será apresentado o segundo diálogo também retirado do *Facebook*, feito por outro indivíduo. O segundo não é sobre Odisseu ou Mêmnon, e sim personagens fantásticos e femininos da mitologia grega, as sereias. O segundo comentário é intitulado de “Sereias Negras”:

[39] Pelo emoticon de coração e o significado léxico: Amei.
[40] Essa seria então a aparência física de Odisseu narrado por Homero.

Imagem II



Fonte: Arquivo Pessoal (Facebook). 11 Setembro de 2022

No segundo diálogo sobre questões de negritude, agora pensando a aparência física das sereias, percebemos como o corpo negro é identificado e negado. Neste diálogo, vemos a primeira afirmação que expressa afrocentrismo, pois como foi discutido no tópico anterior, o afrocentrismo tem como debate uma África negra e egípcia, não existindo espaço para pensarmos heróis gregos como Odisseu ou Mêmnon, que participam da negritude. Como o próprio autor comenta: "*Geograficamente falando, as sereias da* Odisseia *de Homero, poderiam ser negras [...] viviam perto da costa africana*", ou seja, ser negro para o comentarista é ser africano, não podendo existir uma sereia negra em outro lugar do globo.

O que o Odisseu, o bárbaro e as sereias negras têm em comum? A negritude de um personagem parte da ideia de mantê-lo numa espacialidade[41], ou colocá-lo fora do lugar comum. O bárbaro, no primeiro comentário, é percebido como *o estrangeiro* que não é bem visto e, consequentemente, o seu corpo passa a ser negado daquela espacialidade. É pela presença de um corpo que compõe a negritude que são levantados os questionamentos.

É com o advento do tráfico transatlântico que a condição imposta pelo colonialismo delimita o espaço para pensar o corpo negro apenas voltado para a violência, a submissão, a tortura, o cárcere e, por último, a negação. Um corpo heroico, mítico, em constante movimento, como coloca Ponty (1999), e referência para toda a cultura ocidental, não pode ser identificado como sendo negro, pois o espaço que lhe cabe foi historicamente restrito apenas à condição que o tráfico transatlântico deixou, a de objeto ou um corpo sem movimento.

[41] Geograficamente falando ou a ideia de bárbaro.

Quando Hegel (1987) desenvolve a sua tese, colocando todo o continente africano fechado sem diálogo com o globo, é uma afirmação que justificava aos europeus como baluartes da civilização, levando a Europa a olhar o globo e ver a África como um espaço passível a ser conquistado, invadido e explorado. Colocar o continente africano e as suas populações partindo do conceito de afro-conectada é entender os países que se formaram no continente e as relações desenvolvidas entre eles. Quando o eurocentrismo, nos dizeres do Hegel (1987), observa uma África fechada e a população europeia apenas como pessoas caucasianas, a academia brasileira observa a África grande, plural e, sobretudo, em constante movimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para entender a negritude e como ela perpassa no verniz no tempo, foram utilizados, como ferramentas teóricas e metodológicas, a História dos Conceitos e o Regime de Historicidade. Apesar de todo o debate na presente pesquisa ser sobre os heróis gregos Odisseu e Mêmnon, também foram utilizados dois comentários advindos do *Facebook* sobre questões que abordam a negritude e um dos heróis gregos, Odisseu. O principal ponto foi discutir como o corpo que compõe a negritude passa a ser negado.

O artigo teve como outro objetivo discutir questões de negritude. Para entender esse conceito num processo histórico, a fonte selecionada foi, primeiramente, o épico dos poetas gregos Hesíodo e Homero, e do romano Virgílio, nos quais são constatados que os dois heróis gregos, Odisseu e Mêmnon, são negros e a sua negritude não é tida como diferente ou estranha ao mundo grego. Quando olhamos séculos depois em Roma, Virgílio, ao escrever o seu épico, percebemos que a negritude está presente. Contudo, ela não serve como alvo para atacar alguém ou um grupo.

No segundo momento, foi apresentado um debate teórico. A discussão buscou entender como o conceito de negritude atrelado ao afro-conectado foi se transformando no tempo, com a breve apresentação dos eventos históricos que ocorreram em seu percurso para entendermos como a negritude da antiguidade é apresentada e a sua mudança na contemporaneidade.

No terceiro tópico, observaram-se questões que envolvem o corpo, a negritude e a negação. Foi debatido como o corpo é pensado em suas categorias mais básicas até o debate colocado por Ponty (1999) na sua *Fenomenológica da Percepção*. A negação do corpo negro é, antes de tudo, um longo processo histórico, advindo da sociedade capitalista. É uma imagem

dos corpos heroicos e em movimento como Odisseu e o Mêmnon escapa ao nosso olhar, pois o marco continua sendo o passado colonial e escravocrata.

Como esse processo é manifestado? Com o advento do capitalismo e o nascimento da modernidade, estes produzem espaços de saberes públicos e comuns, como a escola e a universidade pública. Na busca por conhecimento, entram em questionamento lutas do nosso tempo, a pergunta que o pesquisador lança para a sua fonte, como a negritude.

Na busca incessante por conhecimento, esta passa a ser a nova catarse do século XXI. Uma verdade única que os espaços de *saber comum*, a escola, não conseguem acompanhar. Estamos imersos numa sociedade que busca e consome incansavelmente saberes e conhecimentos difusos em inúmeras plataformas digitais. Todavia, não estamos apenas adquirindo saberes "novos" e, sim, produzindo pequenas bolhas, numa constante negação de pessoas e de ideias. Lutar por uma educação justa e igualitária na América Latina é defender a vida para que, no futuro, ela possa ser transformada.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Arte Poética**. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2007.

ANDRÉ, Maria da Consolação. Psicossociologia e Negritude: Breve reflexão sobre o "ser negro" no Brasil. **Boletim Academia Paulista de Psicologia.** ano 27, n. 2, p. 87-102, fev. 2007.

ARQUEOLOGIA, **Cultura Material e uma História Afrocentrada**. Palestrante: Gilberto da Silva Francisco. São Paulo: UAB Unifesp - Curso: As África e as suas diásporas, 2021. 1 vídeo (84 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=TtEHenMDsMU&list=PLQaX6ffswWq25exjMtbUhTB0SNcxez1t2&index=8.

AUERBACH, Erich. **Mimesis:** A Representação da Realidade na Literatura Ocidental. São Paulo: Ed Perspectiva, 1971.

BARBOSA, Muryatan Santana Sankofa. Eurocentrismo, História e História da África. **Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana**. São Paulo. n. 1, p. 46, jun. 2008.

BENVENUTTI, ANDRADE ELOÍSA. **Corpo, sensível e natureza na última ontologia de Merleau-Ponty**. 2019. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2019.

BORGONGINO, Bruno Uchoa. O discurso cristão acerca do negro etíope entre os séculos IV e VII. *In*: SCHLEUMER, Fabiana; FRANCISCO, Gilberto da Silva; LIMA, Valéria Sperduti Lima; GAMEZ, Luciano (Orgs). **As Áfricas e suas diásporas.** São Paulo: UAB/Unifesp, 2023.

BURKER, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia:** a Escola dos Annales (1929-1989). Tradução de Nilo Odália - São Paulo: Edt Universidade Estadual Paulista, 1991.

FARIAS, P. F. De Moraes. **Afrocentrismo**: entre um contra narrativa histórica universalista e o relativismo cultural. Afro-Ásia, n. 30, Universidade Federal da Bahia Bahía, Brasil, 2003. p. 317-343.

FERREIRA, LIGIA F. **"Negritude", "Negridade" , "Negrícia**": História e sentidos de três conceitos viajantes. Universidade de São Paulo, 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: Presentísmo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. (História e Historiografia).

HESÍODO, **Teogania**: Trabalhos e Dias. Tradução de Sueli Maria de Regino. São Paulo: Martin Claret, 2010.

HESÍODO, **Teogania: Origem dos deuses,** Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: ILUMINURAS, 2000.

HESÍODO, **Trabalhos e Dias**. Organização e tradução de Glória Braga Onelley e Shirley Peçanha. Rio de Janeiro: 7letras, 2020.

HERODOTO. **Histórias.** Tradução de Pierre Henri Larcher. Ed. eBooksBrasil. 2006. Disponível em: http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/historiaherodoto.pdf. Acesso em 05/11/2022.

HOMERO, **Odisseia**. Tradução de Carlos Alberto Nunes, 25. ed. Rio de Janeiro: Edt. Nova Fronteira, 2015.

HOMERO, **Ilíada**. Tradução de Carlos Alberto Nunes, 25. ed. Rio de Janeiro: Edt. Nova Fronteira, 2015.

KOSELLECK, Reinhart**. História de Conceitos**: Estudos sobre a semântica e a pragmática da linguagem política e social. Tradução de Bernardo Ferreira e Arthur Alfaix Assis. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

LIMA, Luiz Costa. **Mímesis e Modernidade**: Formas das Sombras. Rio de Janeiro: Ed. Graal LTDA, 1980.

MACEDO, André Luan Nunes. A História do Eurocentrismo na história intelectual. **Revista de Teoria da História.** v. 23, n. 1, jul. 2020.

MALTA, André, **Homero Múltiplo**: Ensaios Sobre a Épica Grega. São Paulo: Ed Edusp/ Universidade de São Paulo, 2012.

MALTA, André, **A Selvagem perdição**: Erro e ruina na Ilíada. São Paulo: Odysseus Edt. 2006.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia. Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. **Estudos de Psicologia**, v. 13, n. 2, p. 141-148, 2008.

PONTY, Maurice Merleau, 1908-1961. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PRESENÇA e ausência dos negros na Antiguidade Clássica. Palestrante: Glaydson José da Silva. São Paulo: UAB Unifesp - Curso: As África e as suas diásporas, 2021. 1 vídeo (119 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rTPQy47dK2Y&list=PLQaX6ffswWq25exjMtbUhTB0SNcxez1t2&index=2

QUESTÕES para uma história antiga afro-conectada. Palestrante: Gilberto da Silva Francisco. CMAC - Cultura Material, Antiguidade e Cotidiano, 2021. 1 vídeo (148 min) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wNyvMQ7esSE&t=176s

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI**: no lupe da montanha-russa. São Paulo: Companhia das Letras Edt. 2001.

SILVA, Maria Aparecida Lima; SOARES Rafael Lima Silva. Reflexões sobre os conceitos de Raça e Etnia Entrelaçando. **Revista Eletrônica de Culturas e Educação, Caderno Temático**: Educação e Africanidades, ano 2, n. 4, p. 99-112, nov. 2011.

UM HERÓI greco-africano: O caso de Memnon, o rei dos etíopes. Palestrante: Gilberto da Silva Francisco. São Paulo: UAB Unifesp - Curso: As África e as suas diásporas, 2021. 1 vídeo (105 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=RYkZQSgzQj0&list=PLQaX6ffswWq25exjMtbUhTB0SNcxez1t2&index=11

SCHLEUMER, Fabiana; FRANCISCO, Gilberto da Silva; LIMA, Valéria Sperduti Lima; GAMEZ, Luciano (Orgs). **As Áfricas e suas diásporas.** São Paulo: UAB/Unifesp, 2023.

VERNANT, Jean Pierre: **Mito e pensamentos entre os gregos**. Tradução de Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

VIRGÍLIO, **Eneida**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo.1983.